

O Debate

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas		
Ano	10\$00	
Semestre	5\$00	
Colónias, ano	20\$00	
Brazil e Estrangeiro, ano	25\$00	
Anúncios, linha—\$40		
Permanentes, contracto especial		

Fundador—DR. JOSÉ BARATA

Director—Manuel das Neves

Administrador—F. Nascimento Correia

Redacção e Administração

Rua dos Mercadores, n.º 26—AVEIRO

Editor—Manuel das Neves

Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar

Composto e impresso na Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

A' MARGEM DO CONGRESSO

Realisou-se em Lisboa, nos dias 21, 22 e 23 do corrente, o congresso ordinario do P. R. P.

Nele tiveram representação todos os agregados politicos do norte ao sul de Portugal mostrando, dest'arte, a grande força do nosso glorioso Partido, a sua extraordinaria coesão, o interesse de todos os filiados na boa marcha dos negocios nacionais.

Cá fóra, adversarios e inimigos, numa expectativa ansiosa, aguardavam que dessa magna reunião partidaria saísse a scisão almejada para que uns e outros pudessem saciar seus odios e ambições.

Enganaram-se os que supunham engrandecer-se á custa dos resultados dessa reunião. Desiludidos devem ter ficado aqueles que supunham que dentro do partido havia grupinhos e grupêlhos dispostos a digladiarem-se, a provocar a discordia, a sizania.

E' verdade que houve discussões acaloradas, pontos de vista diferentes, por vezes até invectivas, improprios. Mas a paixão manifestada na discussão de certos assuntos só pode ser classificada de desordem por aqueles que desconhecem a psicologia popular ou apaixonadamente também pretendam amesquinhar o alto significado daquela notavel reunião.

Dizemos psicologia popular porque a grande força do nosso partido reside no amor do povo, na sua dedicação ilimitada, na sua indiscutível simpatia. E é assim porque as classes populares em nenhuma outra agremiação politica encontra ideias, principios e programa que mais se harmonizem com o seu pensamento, com o seu sentir.

Apezar da paixão, vivacidade, exaltação que presidiram á discussão de variados assuntos, uma ideia pairou acima de tudo isso a que os nossos inimigos chamam de desordem: a dignificação da Republica e consequente engrandecimento da Patria.

Houve quem defendesse a intolerancia, quem pretendesse radicalismos injustificáveis? Sem duvida, mas que importancia tem esse facto se o que predominou foi o espirito de concordia, de tolerancia?

Não é mesmo de admirar que, numa assembleia de

1700 pessoas, não houvesse absoluta unanimidade de vistas. Evidentemente que as ideias se haviam de entrecruçar e daí a natural violencia na discussão em assembleias desta natureza.

Estes incidentes produzem-se sempre em assembleias de caracter popular e por isso natural era que se produzissem na reunião do Liceu de Camões. O que é de lamentar é que certa imprensa, obedecendo não sabemos a que intuítos ou ressentimentos, se esquecesse da sua nobre função e viesse dar ao País uma ideia muito diferente do que foram, na realidade, as sessões do Congresso Democrático.

Parce que a maioria dos jornais que no Congresso tiveram a sua representação estava empenhada em desacreditar o nosso partido espalhando aos quatro ventos a existencia duma desordem que só existe na imaginação doentia e nada imparcial dos seus redactores.

Eles lá sabem as linhas com que se cozem e o *porquê* de tal atitude...

Se houve manifestações de intolerancia, e nós não o negamos, elas foram abafadas pelo bom senso e espirito de concordia da esmagadora maioria dos congressistas que, sem reservas, aplaudiu e sancionou a politica de pacificação que tem orientado os dirigentes do partido.

Os discursos dos srs. drs. Pestana Junior, João Luiz Ricardo, Carlos Pereira e Julio Gonçalves marcam bem o espirito da assembleia como, de resto, o resultado da eleição do Directorio.

O nosso partido saiu deste congresso, o mais concorrido de todos os realizados em Portugal, mais forte, unido e disciplinado, se é possível, mau grado o desejo e expectativa dos seus inimigos e adversarios.

Operarios e burguezes:

«Detestai a aberração viciosa dos jogos de azar, em que o homem abdica da sua propria dignidade, desiste da sua propria humanidade, e se rebaixa a ladrão de si proprio, na ilusão moral de que vai roubar os outros.»

(Palavras do grande educador Dr. Agostinho de Campos.)

José Rabumba

Vindo de Lisboa, aonde havia ido assistir á festa de consagração e homenagem promovida pelo *Diario de Noticias* aos arrojados marinheiros que, com desprezo da propria vida, teem arrancado ao mar tantas vidas, chegou no domingo a Aveiro, no rapido das 13 horas, José Rabumba.

Na estação era esperado pelas filarmónicas Amisade e José Estevam, clubs Beira-Mar, Sport Club, associações dos Bombeiros Voluntarios, Associação dos Caixeiros e muito povo. As musicas á chegada do comboio tocaram a *Portuguesa*. Depois dos cumprimentos organizou-se um cortejo, saindo á frente a musica José Estevam seguida das associações; atrás da musica Amisade seguia então suas condecorações, abraçado por amigos e muito povo.

O cortejo dirigiu-se para o campo do Côjo onde ia realizar-se a parada militar e juramento de bandeira pelos recrutas de infantaria 24. Chegados ali e ocupados os seus respectivos lugares, José Rabumba e o sargento de marinha sr. Manuel Soares são cumprimentados pelo comandante sr. tenente-coronel Queimada e outros officiaes. Todas as forças: infantaria, cavalaria, guarda republicana, guarda fiscal e policia passam em continencia á bandeira da Camara, que tem no topo a medalha da Torre e Espada.

Finda a cerimonia do juramento de bandeira o cortejo, que havia acompanhado José Rabumba, dirige-se para o teatro e ali se realisa, em sua honra, uma sessão solene, a que preside o sr. dr. Alberto Souto como presidente do Senado Municipal. José Pinheiro Palpista abre a sessão, convidando aquele sr. a presidir. Depois falam com brilho e entusiasmo os srs. dr. Alberto Ruela e Agostinho de Souza. O sr. Souza fala em nome dos Bombeiros Voluntarios, da Sociedade Recreio Artístico e em seu nome. No final José Rabumba, comovido, agradece a manifestação.

As condecorações do nosso conterraneo tem estado em exposição na montra da sapataria Migueis, á rua Coimbra.

«O DEBATE»

E' o jornal de maior tiragem em todo o distrito de Aveiro.

NOTAS... LIGEIRAS

Pela ultima vez

Tinhamos prometido aos leitores e a nós proprio não voltar a discurrir as aleivosias dos diversos *Joões do Caes* que, obedecendo a fins miseraveis, contra nós teem arremetido numa furia louca de mentira e enxovalho.

Da calunia alguma coisa fica, diz o rifão, e por isso é que nós, bem contra os principios que nos impuzemos de não discutirmos com malvados, retomamos hoje o assunto das cartas do *inclito* colaborador do jornal do *caro Arnaldo* para desfazermos o que da calunia por ventura possa ficar.

Vivemos numa terra onde somos mal conhecido e necessario se torna, devido a essa circunstancia, recorrer a meios que seriam desnecessarios se nela tivessemos nascido.

Não temos, á mão *O Democrata*. Não usamos tão má e nauseabunda companhia.

apresentar ao leitor os *factos* que não de servir para esmagar a malvez de quem, sem sombra de razão, procura, por processos conhecidos e em certos casos eficazes, apontar-nos á perseguição dos nossos inimigos.

Não se olham aos meios para se conseguirem os fins almeçados, tais são os processos jeiticos contra nós empregados. E como as mesmas causas produzem os mesmos efeitos...

Não os tememos embora eles julguem que nos assustam com os seus latidos. Estamos dentro da moral e da razão.

Mas vamos aos factos. Queremos que o leitor deles tire as ilações que a boa razão dita e a moralidade prescreve.

Esta questão com a gente de *O Democrata* é já velha; data, se a memoria nos não falha, do aparecimento do nosso jornal. Nessa altura appareceu, nas columnas daquela folha, um João do Caes a apontar-nos ás feras. Chamava-nos *alforrecas, samicas*, dizia que *denegriamos a obra colossal de ressurgimento local iniciada por um grupo de filhos dilectos e queridos desta terra*, etc., etc. E termina por incitar *todo o bom aveirense, todo o bom bairrista a levar-nos pelas orelhas até á estação.*

Os *alforrecas e samicas* eram o dr. José Barata e a minha humilde pessoa.

Agora pergunto eu ao leitor honesto e imparcial: Em que denegramos a tal obra dos filhos dilectos desta terra? Onde insultamos ou injuriamos qualquer pessoa? Por ventura a critica politica é um insulto, uma injuria? Que delicto cometemos para sermos merecedores de que nos corresse a pontapé até á Estação?

Responda o leitor mas certamente que a explicação que achará para justificar tão insolita atitude só pode ser esta: o não sermos da panelinha regionalista.

A essa infame campanha res-

pondou o dr. José Barata e o homem calou-se sem ver realiado o seu vil desejo: a nossa expulsão de Aveiro a pontapé. Quem podia dar ouvidos a tanta manha miséria?

Passaram-se tempos e o dr. José Barata saiu. Ficámos nós na direcção do jornal.

Um dia, Antonio de Niza pediu-nos para publicar no nosso jornal uns reparos que lhe mereceu um artigo publicado no *Democrata* sobre uma questão havida entre o bispo de Coimbra e o padre da Vera-Cruz. Como somos democrata e por isso tolerante e respeitador das convicções alheias, consentimos na publicação do artigo com a responsabilidade do seu autor. Declarámos em nota da redacção que nada tinhamos com a doutrina do artigo referido e que até dela discordavamos e que punhamos as columnas do *Debate* á disposição de quem quizesse contradita-la.

Mostravamos assim tolerancia, correção e neutralidade na que não somos católico, que somos livre-pensador.

A nossa attitude é recebida pelo *Democrata* com um chuvisco de insultos, obra-prima da casa, pretendendo, velhacamente, confundir-nos com Antonio de Niza para tirar efeitos politicos indispõndo-nos com os nossos correligionarios.

Respondemos ao insulto e terminavamos a resposta por estabelecer a comparação entre a nossa attitude permitindo a publicação dum artigo doutrinario com o qual honestamente declaravamos não concordar e a do *Democrata*, publicando aquela carta de João do Caes a que atrá me refiro e que simbolisa á evidencia a hediondez de caracter, a torpessa de sentimentos do seu autor.

Não conheço abjeção mais completa, mais clara manifestação de banditismo.

Foi em resposta a este final do meu artigo que veio a celebrissima epistola de João do Cais I.

Nessa carta, apesar de João do Caes II dizer que não tinha sido agressivo, ele mimoseavamos com os epitetos de cavalgada, estúpido, incompetente, gajo, caluniador, injuriador, etc., etc. Não ha duvida, nesta terminologia não ha agressão. Pode mesmo classificar-se como modelo de lisura, de delicadesa.

Demonstramos-lhe com factos que tinha mentido, e mentido miseravelmente, infamemente porque contava com a impunidade supõndo que nós, atendendo a que o *elogio em boca propria é vituperio*, não nos serviríamos dos unicos meios de defesa de que dispunhamos.

Esmagamo-lo, reduzimos a nada as suas torpes afirmações, de resto tarefa facil porque os diversos *Joões do Caes*, que se albergaram no curral do *Democrata* para nos morderem covardemente acobertados pelo característico pseudonimo, são estu-

O problema da Educação

A educação em Portugal, não obstante haver optimos e abundantes elementos de concordancia com os seus preceitos, parece-me que será sempre frouxa e débil, que não atingirá nunca um grau respeitavel, que nos imponha como *povo educado*, na significação rigorosa da palavra. O tempo e a insolubilidade dos nossos grandes problemas demonstram isto.

E porque tal circumstancia?

Em primeiro lugar pela propria indole da nossa gente, depois pela nossa ignorancia, o nosso atraso mental no ensino, instrução e educação das massas. Esta será a razão capital. Mas uma que não pesa pouco, nesta melindrosa questão, é o facto da inércia, da inação absoluta dos mesmos elementos que citei acima, dos valores morais que concordam em principio, *discordando*, porém, dos processos práticos de extinguir o mal, que nenhuns possuem e nenhuns querem possuir.

A chave do problema está aqui: organizem-se com sincera convicção todos os que teem pela educação profunda simpatia e profundo respeito, todos os que conhecem bem o papel dos bons costumes, dos hábitos honrosos; agremiem-se todas as forças virtuosas da nação, uns com ideal inflamado, ardente, outros com o sentimento moral do que é bom, honesto respeitavel, com a noção das necessidades do ambiente que nos rodeia; conjuguem-se, em todas as fórmulas, esses verbos activos de moralização e veremos como as condições morais do meio melhoram imediatamente e veremos como a decencia e delicadeza criam arraiais, opondo aos maus hábitos e acções desonestas, obstáculos de reconhecida eficácia.

De acôrdo com as autoridades administrativas poderia haver associações com fins morais, um concurso de valores para melhorar as condições do meio. Muito haveria a esperar dessas entidades que a toda a parte poderiam levar a sua influencia, que, por muitos modos, deviam executar o seu programa reformador.

Tudo depende, pois, em primeira mão dos que possuem o conhecimento exacto do que é a educação na vida dos homens e dos que, por sua posição especial na sociedade, podem dispôr de influencia e poder para obstar ao desregramento dos costumes, promovendo, ao contrario, a sua disciplina e uma moralidade mais ampla e honrosa.

Bem sabemos que nenhum valor prático teem essas considerações que expuz, visto como ninguém, ou pouco menos, se quere expor ao sacrificio, á canseira e ao desgosto de ensinar e corrigir quem precisa de ensino e de castigo. Para isso era necessario que a lei galardoasse condignamente os benemeritos.

Porque é bem verdade que nestas coisas de educação em Portugal, há sempre muitos nêscios que se riem do que não entendem, muitos pedantes com ares superiores de indiferença e os difamadores com lingua venenosa que deslustra e magoa. Afóra estes contras e com o auxilio de disposições legais apropriadas, muitos louros teria a colher quem possuísse a benemerencia de propagar ideais de belésa no exercicio salutar dum fremente entusiasmo e duma nobre aspiração.

Cesário Augusto.

...tupidos.

Eles bem sabiam que mentiam mas não lhes repugnou tam degradante arma porque julgaram que respeitariamos preconceitos na defésa.

O elogio em boca propria é vitupério porque com ele os desfeiteamos.

Ainda bem que na nossa vida ha alguma coisa de bom que eles não podem desfazer embora se mordam de raiva.

Respondemos ás suas infames mentiras com factos e eles chamam-lhes elogio. Pobres de espirito, aleijadinhos da alma, não podem levantar-se do tremedal em que se afundaram.

Fomos violento na resposta. Não poupamos o chatim que de tudo abdicara para nos enxovalhar, para nos apontar ao desprezo publico. E ele, vergado ao peso formidavel da sua infamia, lamenta-se por termos empregado na nossa resposta uma linguagem indigna dum professor, linguagem que *envergonharia os almocreves que percorrem as estradas de Coimbra a Condeixa*, ele que disse ter um já sido expulso e o outro estar á espera do pontapé fatal.

Esqueceu-se o *insigne* epistolografo de que as bestas só se ensinam a chicote e de que, logicamente, a linguagem para elas empregada é muito diferente da que se emprega com homens.

De resto, as bestas são animais uteis ao passo que estes *Jodes do Caes* são exemplares, felizmente raros, duma daninha fauna que convem extinguir para utilidade publica. Aquela de eu estar á espera do pontapé fatal é formidavel de sentimentalismo e de significação. Liguem os leitores os factos e tirem as suas conclusões...

Acusam-nos tambem os já famosos epistolografos de não termos ainda concluido o nosso curso o que levôo o carissimo Arnaldo, o notabilissimo jorna-

lista, *amadurecido* por tam renhidas pugnas, a proclamar a nossa exautoração, a nossa liquidação, porque temos *apenas umas cadeiras da Universidade*.

Não temos *apenas umas cadeiras*; temos todas as cadeiras que constituem a secção de Sciencias Historicas e geografica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O Arnaldo, o *maduro* Arnaldo, o nunca assás lembrado Arnaldo a proclamar a nossa exautoração! Querem mais frisante exemplo de estupidez, de inconsciencia?

Que infelicidade a sua, Arnaldo, não se conhecer!

Que mal fizemos nós a esta corja para assim arremeterem contra nós?

Qual o nosso delicto?

Vejam os leitores a profunda estupidez desta gente. Pelo facto de não termos concluido o nosso curso, de não termos feito ainda o tal exame a que eles se referem, somos gajo, estúpido e tudo o mais que lhes aprouve dizer. E então o Arnaldo, o famoso Arnaldo, esse não está com meias medidas: proclama a nossa exautoração, a nossa total liquidação.

Fugindo do campo em que primeiramente se tinham colocado agarraram-se ao facto de não termos feito o tal exame como ultima tábuca de salvação.

Que esmagadora prova não arranjaram para poderem apregoar, nas columnas do semanario, pela pena do Arnaldo, a nossa liquidação!...

O Arnaldo, com aquela autoridade que todos lhe conhecemos, a decretar a nossa exautoração! Só o Arnaldo com a sua imensa bagagem, tinha *autoridade* para tal.

Aqui teem os leitores a historia da questão; a verdade em que os nossos inimigos assentam os seus ataques. Não merecem que percamos tempo com eles e, por isso, não mais voltaremos ao assunto.

Não mais queremos ir ao cur-

A' ESQUINA...

Ai, rapazes! muito se tem dito e escripto com respeito ao maldito jogo! Mas ainda ninguém se lembrou de tirar a manna da boca do Estado que, por lei, cobra uns tantos centavos por cada batalho de cartas que saem da fabrica.

Porque se ha-de então prohibir o jogo?!

Hom'essa é boa!

Prohibir o jogo? Com que então, depois, já não se podem comprar caulelas da loteria? Sim, por que eu creio que a loteria é um jogo, e se não—os que ariscam o papel-moeda nos papéis dos cambistas, que o digam.

Depois, tambem a gente já não pôde fazer o jogo a uma carinha linda que passe ao nosso lado—quer de cantaro á cabeça, quer de cesto no braço, na volta do mercado.

Orapois, toda esta vida é um jogo, e um jogo indecente.

A quem o jogo serve, por que teem todos os trunfos na mão, é aos traficantes, açambareadores, e aos innocentes que só vendem bom dez por cento de ganho.

F. Pires.

Block-Notes

Tem estado bastante doente o sr. Alfredo Henriques, empregado da Escola Primaria Superior.

= Tambem se encontra em Aveiro, aonde veiu tratar-se de doenca, o sr. Custodio da Naia Fortes, patrão da alfandega do Porto.

= Vimos em Aveiro o sr. Abel Guedes de Pinho.

= Completou dois anos no dia 23 o menino Antonio Julio, interessante filhinho do nosso presado amigo e dedicado correligionario, sr. dr. Adelino Simão.

...dade do sr. dr. Pedro Chaves, illustre senador pelo nosso distrito.

= Fez anos no dia 25 o nosso querido amigo dr. Adelino Simão Leal, notário.

Os nossos parabens.

= Está gravemente doente com uma pneumonia o menino Fernando Alberto, filho do nosso director.

Os nossos desejos de rapidas melhoras.

= Acompanhado de sua esposa, esteve em Aveiro o snr. José Barata Freire de Lima.

= Tem guardado o leito com um forte ataque de gripe o nosso presado amigo e dedicado correligionario, sr. João de Matos Cordeiro, distinto professor da Escola Primaria Superior.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Dr. José do Vale Guimarães

Na sua casa da estrada da Malhada de S. Tiago faleceu no dia 14 o sr. dr. José do Vale Guimarães.

Foi advogado distinto e por muito tempo conservador do registo predial em Taboá.

Era pae do illustre advogado e actual senador sr. dr. Cherubim do Vale Guimarães e sogro do sr. dr. João Aires de Azevedo.

O seu funeral que se realizou no domingo, foi muito concorrido, sendo a chave do caixão entregue ao sr. D. Tomaz de Vilhena, senador, e que representava a minoria monarchica do Senado.

A toda a familia enlutada e em especial ao sr. dr. Querubim Guimarães, envia *O Debate* os seus pêsames.

N. da R.—Por lapso e aglomeração de original, com a falta de espaço com que lutamos, só hoje publicamos esta noticia.

ral do *Democrata* onde se acham empareceirados os diversos *Jodes do Caes*, o Ilheu e o Maduro, fustigar-lhes as faces desvergonhadas.

Mais um

São já bastantes os escrevinhadores que no *Democrata* teem aparecido a insultar-nos.

Não falando nos pressurosos informadores e restringindo a contagem áqueles que, positivamente, sabemos terem arremetido contra nós, podemos enumerar quatro: um antigo empregado dos correios; um professor; um pai e um filho.

Esta circumstancia é, por si só, sufficiente para avaliar da competencia dos rabiscadores.

O primeiro foi exautorado; reconheceu a sua impotencia; olhou o seu passado e viu que não tinha autoridade para insultar ninguém: dirigiu-se a um amigo e pediu-lhe para continuar a discussão.

O amigo não teve repugnancia em sustentar a questão por favor e veio contra nós.

Discutiui-se Camilo.

E o novo polemista, professor de Português, deixa vencer-se, numa questão de Literatura, por um *fedelho*!

Não podia continuar. Queria uma fórmula airosa para fugir á discussão: veio o pai do filho insultar-nos e dizer ao seu caro Arnaldo que nunca deveria responder-nos.

Calá-se o professor e fala o pai do filho. Apontámos-lhe as mazelas do artigo e o homem succumbiu: veio, garantem-nos, o filho do pai.

Linguagem destravada que, por si, foi bastante para o aniquilar.

Morreu o filho do pai e, com ele, acabou a questão.

Da questão nasce um incidente com o ex.^{mo} sr. Barão de Cadoro e do incidente uma prosa despejada e o insulto—velho sestro da casa.

E aí temos mais um o sr. Ribeiro, a querer festa, como sóe dizer-se!

Pois vamos á festa, sr. Ribeiro.

Rotula o sr. Ribeiro—este sr. Ribeiro é muito fértil em rotulos—de *reaccionarias (!)* as minhas doutrinas.

Mas reaccionarias em quê?

Reaccionarias porque?

Porque são contrarias ao espirito liberal, ao espirito liberrimo dum declamador panfletario de linguagem mais que liberrima?

Porque reagem contra as sandices que a firma jornalística *Ribeiro & C.^a* vomita semanalmente e espalha, embrulhadas em meias folhas, ao preço de dois tostões, com o rotulo de verdadeiro elixir republicano?

Reaccionarios porque?

Mas o sr. Ribeiro ainda tem mais rotulos: chama *monarquicos (!)* aos artigos que tenho publicado no *Debate*.

Mas monarchicos em quê? Monarquicos porque?

Então o sr. Ribeiro co nfund *Religião com Monarquia*?

Então só os monarchicos são religiosos?

Então todos os que protestam, todos os que reagem, todos os que se insurgem contra as furias do *Democrata* são monarchicos?

Então só os monarchicos são pessoas de bem para que possam protestar contra o desbragamento de linguagem, contra as ideias afectadas e perniciosas do *Democrata*?

Monarquicos porque?

Mas os rotulos não se acabam: o sr. Ribeiro diz que os nossos artigos são de *sabuja (!) defeza do bispo*.

Mas sabuja porque?

Sabuja em quê?

Como admite o sr. Ribeiro um cão a escrever?

Têm-se visto, sr. Ribeiro, muitos malcreados, muitos aleijadinhos do cerebro, insultar, escrever asneiras nas columnas dum qualquer *Democrata*.

Mas um cão a escrever!!!!

Só o sr. Ribeiro inventa, com o seu *poder rotulante*, uma coisa dessas!

E ainda ha mais rotulos: chama-nos o sr. Ribeiro um *fedelho*, uma *imberbe vergontea do sacristão de Santo Antonio*.

Nem tão pouco, sr. Ribeiro, nem tão pouco. *Fedelho*, não: rapaz, sim. *Rapazinho*, se quizer.

Imberbe, em razão, mas capaz de verberar as asneiras de barbados como o sr. Ribeiro.

Vergontea do sacristão de Santo Antonio, sim, senhor, e ele proprio sacristão, quando é preciso, e com o que muito se honra.

Diz mais o sr. Ribeiro que o doutor Manuel das Neves consentiu que, no *Debate*, eu lhe *arremecasse lama*.

Mas, senhor Ribeiro, eu não fiz mais do que responder aos insultos do *Democrata*, ás arremetidas dos seus escrevinhadores.

Analise os seus artigos.

Enlameei-os com a analise?: é porque os artigos eram lama!

Descobri-lhes o passado.

Enlameei-os com isso?: é porque a sua vida estava salpicada da lama das suas fracas acções.

E não disse eu tudo! Não disse mesmo quasi nada!

Que faria, sr. Ribeiro, se eu trouxesse á supuração todas as pustulas que se encapotam no cinismo da sua firma jornalística!

Não nos insulte, sr. Ribeiro. Tenha dó de si.

Deixe-se de rotulos.

Olhe que tem telhados de vidro...

Tenha pena de si, sr. Ribeiro, que eu tambem tenho pena, creia, do sr.

Do sr. que, quer no moral, quer no fisico, não passa de um fructo degenerado de amores illicitos... Antonio de Niza.

Juramento de bandeira

A' festa militar que no ultimo domingo se realizou no campo do Côjo para juramento de bandeira pelos mancebos de infantaria 24, recentemente incorporados e prestes a terminarem a instrução, assistiram a Camara Municipal com o seu estandarte, as duas associações de Bombeiros Voluntarios, a Academia e demais escolas, autoridades civis e militares, associações recreativas locais e muito povo.

Todas as forças passaram em continencia á bandeira da Camara que ostentava a insignia da Torre e Espada.

Falaram os srs. tenentes Alberto Maia Mendonça e João Joaquim Pires, produzindo belos e patrióticos discursos, sendo muito cumprimentados.

O tempo que tem corrido sempre chuvoso, conservou-se nesse dia, não muito ameno, mas benéfico no entanto para a realização da festa militar.

Gazetilha

Trata agora o Doutor Souto, Com talento e devoção, De precisar o braço Da nossa linda cidade. Consulte só arqueologos; Se consulta o Cristo Pai Uma coisa feia sai, Com ofensa da verdade.

Cuca.

Nova sapataria

Acabam de se constituir em sociedade para a exploração da industria de sapataria os nossos amigos srs. Francisco de Matos Junior e Eduardo Coelho da Silva.

A officina e deposito é na rua Direita, onde actualmente se encontra a chapelaria, devendo esta passar para o 1.^o andar do mesmo predio.

Por causa das bombas

Honorato Fadigas era o seu nome. A sua consorte era Maria das Dores, nome que sua madrinha lhe puzera na pia baptismal, lembrando-se do doce nome da mãe do Nasareno. Casal muito comedido, vivend na sua aldeia, na santa paz do senhor, não dando ouvidos a intrigas nem se intrometendo em conversas de vizinhas, viviam um para o outro e para o ser que breve viria ao mundo e que sem duvida viria a ser a alegria do lar.

Uma geira de terra em seguimento do aido murado por todos os lados, ali cultivavam alguns legumes, trazendo sempre a terra preparada e limpa como um bem cuidado jardim.

Era preciso trabalhar para prover ás necessidades instantes da vida, e o Honorato, que tinha habilidade para serviços de carpintaria, a ela se dedicava de referencia, embora por vezes a outros trabalhos se entregasse.

Um domingo, encontrara-se com um amigo que precisava de uma bomba para o poço que andava abrindo no seu predio. Falou-lhe e o Honorato disse que sim, que a bomba que se fazia, que lhe levasse o pinheiro, que breve ficaria pronta a bomba.

Na ocasião da conversa passou-lhe perto um individuo desconhecido, e ouvindo falar em bomba quedou-se para ouvir melhor. Na capital sucediam-se os atentados; raro apareciam os que as deitavam apesar dos esforços da policia. Natural era que na provincia houvesse ramificações ou fabricantes de bombas. E o desconhecido tratou de dar-se pressa em comunicar á policia a sua descoberta.

Logo no dia seguinte o amigo do Honorato lhe levou o pinheiro para a bomba e pediu-lhe a maxima urgencia na sua feitura. Dias de chuva, não podendo trabalhar no quinteiro, dispoz o pinheiro sobre cavaletes e começou de broear o grande tóro. As manhãs dealvavam abi por abas das cinco horas, e já Honorato ao lóbrigar a claridade acendia o gasometro de acetilene e começava o seu serviço. Na madrugada do segundo dia de trabalho, quando entrou no alpendre onde estava o pinheiro para a bomba, sentiu baixas falácias na rua, bem perto da sua porta, mas não deu importancia, e poz mãos á obra. Quando o sol despontou no levante, trez repuxadas palmas soaram na porta acompanhadas das palavras: — abram, em nome da Lei!

O Honorato suspendeu o serviço e veio em mangas de camisa, suando para abrir a porta, mas já a consorte, toda tremula, sem fala, estava estupefacta em frente de seis guardas da segurança.

Disseram ao que iam e transpuzeram a porta, com arrogancia. — Estão presos! foram as primeiras palavras do chefe. Bem, vamos lá a ver onde é que você tem as bombas.

— O meu senhor, tenho só uma, e mesmo essa ainda não está pronta. Ainda agora mesmo eu estava a fural-a.

— Vamos lá a ver isso!

E o Honorato levou a autoridade ao alpendre e mostrou-lhe o grande tóro de pinheiro sobre os cavaletes, com a broca metida até ao meio.

— Aqui está a bomba.

F. N. Correia.

Aveiro no Congresso

Foram assistir ao Congresso como representantes das diversas agremiações partidarias do concelho, alem do nosso director os nossos amigos e correligionarios srs. dr. Adelino Simão Leal, Antonio Osorio, João Maceço, Ricardo da Cruz Bento e Jaime da Rosa Lima.

A pesca do bacalhau

Aprestem-se com afan os navios que breve partem para os bancos da Terra-Nova á pesca do bacalhau.

Não tarda, pois, que velas brancas sulquem os mares, como as caravelas de aventura, em demanda da promissão da fartura. Que vão e voltem, os homens cheios de saude, os navios cheios de bõa pesca, são os nossos desejos.

NECROLOGIA

Apenas com 38 anos de idade, faleceu, no dia 24, a sr.^a Joana da Silva Modesto, antiga cozinheira e governante do Colegio Aveirense. Vetimou-a um tumor maligno.

Muitos dos antigos alunos d'aquella casa, ao lerem esta noticia, devem recordar, com gratidão, o carinhoso affecto com que a desditosa rapariga lhes mitigava as saudades da familia nos primeiros dias da sua vida escolar e abençoarão a sua memoria.

Que descanse em paz.

A fonte da Vera-Cruz

Por mais que se procure melhoramento de pequeno ou grande vulto na cidade, não se lóbriga nem com uma candeia acesa.

A voragem fatidica dos dinheiros dos municipes não dá ocasião a que se apliquem alguns escudos no concerto da fonte da Vera-Cruz, que ali, num sitio obrigado de passagem a quem visita a cidade, representa uma indesculpavel incuria e uma vergonha para todos nós.

E como este, quantos casos de somenos importancia que não merecem reparos a quem de direito!

FOOT-BALL

No domingo veio a Aveiro jogar com o Estrela Club, o primeiro grupo da Associação Naval 1.^o de Maio, da Figueira da Foz, ficando este grupo vencedor por 4 a 0.

E' muito natural que o Estrela-Club Aveirense lhes pague a visita no proximo mez de junho, indo ali jogar com o Naval.

AFERIÇÃO

Nos proximos mezes de maio e junho começa a fazer-se a aferição de pesos e medidas, devendo os interessados apresenta-las naqueles mezes ao respectivo empregado.

Agradecimento

Na sua retirada para Leixões procurou-nos o sr. José Rabumba apresentando-nos as suas despedidas e agradecendo-nos as boas referencias que aqui lhe temos feito. Eguamente nos pediu para que fossemos o seu interprete junto do povo aveirense e das suas filarmónicas agradecendo-lhes a expontanea manifestação que lhe fizeram no domingo por ocasião da sua chegada a Aveiro, o que gostosamente fazemos.

Parteira

ANGELICA d'Oliveira, com pratica no Hospital de Aveiro e na clinica particular, oferece os serviços da sua profissão a qualquer hora, tanto na cidade como fóra de Aveiro.
Rua da Sé n.º 3. (20)

Arrematação

(1.^a publicação)

NO dia 13 de maio proximo, ás 12 horas, no tribunal judicial desta comarca e no inventario orfanologico por obito de Rosa de Jesus Tavares e marido José Barreiros de Macedo, moradores que foram, na Azurva, freguezia de Esgueira, volta pela segunda vez á praça para ser arrematada por quem mais oferecer sobre a quantia de 8.500\$00, uma morada de casas terreas com seu quintal e pertenças, sito em Azurva.

Toda a contribuição de registo e as despesas da praça são á custa do arrematante.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos para usarem dos seus direitos.

Aveiro, 20 de abril de 1923.
O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Souza Pires. (29)

DIVORCIO

POR sentença de 16 de março de 1923, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjuges Francisco Augusto Duarte e Maria do Ceu Sarabando, ambos desta cidade de Aveiro, pelos fundamentos do n.º 4, do art. 4 do Decreto de 3 de novembro de 1910.

Esta sentença foi proferida na acção de divorcio litigioso que aquele promoveu contra esta, o que se faz publico para os efeitos legais.

Aveiro, 17 de Abril de 1923.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Sousa Pires (30)

O escrivão do 5.º officio,
Julio Homem de Carvalho Cristo.

Regimento de cavalaria 8

ANUNCIO

O Conselho Administrativo deste regimento faz publico que no dia 30 do corrente pelas treze horas, se procederá á venda em hasta publica de um cavallo julgado incapaz do serviço do exercito.

Quartel em Aveiro, 21 de Abril de 1923.

O secretario,
Joaquim Ribeiro Martins. (31)

Editos de 30 dias

(1.^a publicação)

POR este juizo, escrevão Marques, correm editos de 30 dias a contar da 2.^a e ultima publicação deste anuncio citando os interessados Rosa Marques Simões, viuva, e José Rodrigues da Paula e mulher Luisa Marques da Cruz, ausentes em parte incerta do paiz, para os termos do inventario orfanologico por obito de sua mãe e sogra Maria Marques, moradora que foi em Sarrazola, freguezia de Cacia.

Aveiro, 17 de abril de 1923.

O escrivão,
Francisco Marques da Silva.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Souza Pires. (32)

Antonio Chaves Maia
Medico-cirurgião
Doenças das senhoras
Clinica geral
Consultas das 10 ás 11 e das 2 ás 4. horas
Rua Coimbra (Costeira), 9-1.
— AVEIRO —

Nova Fabrica de Lonça e Azulejos

DE
João Bernardo Moreira

AVEIRO — ARADAS

Além do costumado sortido da industria, executa-se qualquer trabalho que o freguez desejar concernente á arte. Envia-se tabelas de preços a quem as desejar. E' esta a primeira fabrica de faianças que se monta em Aradas pelo proprietario da mesma. (28)

Centro Aveirense

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Assembleia Geral

Convoco os srs. Acionistas para, reunidos em Assembleia Geral na sede da Sociedade nos dias 27 de maio e 6 de junho proximos, por 15 horas, darem cumprimento aos artigos 37 e 38 dos Estatutos. Não comparecendo numero legal de acionistas ficam desde já respectivamente adiadas as referidas reuniões para os dias 13 e 27 daquele mez de junho, ás mesmas horas. (33)

Aveiro, 20 de abril de 1923.
O Presidente da Assembleia Geral,
André dos Reis

Farmacia

PASSA-SE na provincia, bem afreguesada e otimas condições. Nesta redacção se diz. (27)

Editos de 30 dias

(1.^a publicação)

P ELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º officio —Magalhães—correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio no "Diario do Governo", citandõ os interessados Manuel Maria Nunes Bastos, solteiro, maior, Emidio Nunes Bastos, solteiro, menor pubere, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico por falecimento de sua mãe Maria Dias de Bastos, casada, moradora que foi no lugar de Taboeira, freguezia de Esgueira, desta comarca, sob pena de revelia.

Aveiro, 23 de abril de 1923.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Scusa Pires. (34)

O escrivão do 2.º officio,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães

O dentista de Espinho

ALBERTO MILHEIRO, que vinha a Aveiro, á rua da Revolução, ás terças e sextas-feiras, torna publico que desta data em diante o seu serviço de consultorio é permanente, continuando a vir nos jeferidos dias e estando todos os dias uteis o seu antigo companheiro de trabalho sr. dr. Angelo Leite. (26)

Joaquim Simões Peixinho

Advogado
Mudou o seu escritorio para a rua das Barcas (18)

Prego d'arame

A Empreza Industrial de Pregaria e Moagem Limitada, de Avelãs de Caminho,—Anadia,—comunica ao comercio geral que tem sempre em deposito para entrega immediata prego para todas as construções ao preço e condições das fabricas de Lisboa e Porto. As nossas vendas intendem-se sobre vagon em Mogofõres, pelo que o Comercio desta Região muito economisa nos transportes, hoje bastante elevados. Pedir tabelas. (24)

Vende-se um bilhar e uma urna de talha dourada. Nesta redacção se diz. (16)

CESAR FONTES

MEDICO
Clinica Geral, Sifilis, vias urinarias, operações.

Consultas na Avenida da Estação n.º 8 da 1 ás 4. Chamadas em casa, Travessa do Alfena, n.º 8. (21)

MOVEIS

Grandes Armazens e Oficinas

— DE —

Jaime da Rosa Lima

Rua José Estevam, 23 e 23-A e Mercadores, 8. e 8-A

— AVEIRO —

Sortido completo de mobílias em todos os gostos e estilos
Bapelhos, molduras, tapetes, oleados e muitos outros artigos.

— MOVEIS AVULSOS —

Colechoaria em todos os generos. Preços sem competencia.



Tabacaria e papelaria

— DE —

José Augusto Couceiro

Avenida Bento de Moura, 1-A—AVEIRO

Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cig. reiras, tabaqueiras, etc.

Tintas, livros, papel e outros objectos para escritorio.

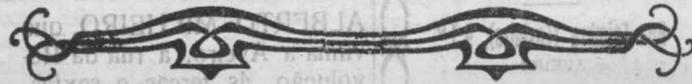
Tintas para pintar a óleo e aguarelas.

Postais ilustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria.

Cervejas e aguas.

Trabalhos tipograficos em todos os generos.

Canetas Ganklin e Ideal.



Escola Academica

(Junto ao Jardim Publico)

AVEIRO

Dispondo de optimo edificio, com todas as condições pedagogicas, recebe alunos internos, semi-internos e externos.

Instrução primaria, curso de comercio e explicações de todas as disciplinas de curso geral e complementar do Liceu.

Corpo docente diplomado e escolhido.

Tratar com

PADRE ALFREDO CAMPOS

AVEIRO

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe—AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, vinhos finos e carboreto

Papelaria e objectos de escritorio

Cotões americanos e outras miudezas

Vendas por junto e a retaho

Sapataria da Moda

Especialidade em calçado de luxo

Armazem de sola, cabedais e todos os artigos pertencentes á industria de sapataria. Fabrico manual

Elmano Ferreira Jorge, L.da

RUA JOÃO MENDONÇA, 20-1.º

— AVEIRO —

Carpintaria Mecanica

A Empresa Industrial de Pregaria e Moagem, L.da, de Avelãs de Caminho, Anadia, leva ao conhecimento do publico em geral que resolveu dar o maior desenvolvimento possivel a esta Secção, pelo que executa com a maxima perfeição todas as obras de carpintaria, dispondo para isso de pessoal habilitado e de maquinismos modernos.

Quem pretender os seus serviços, confrontem os preços, porque os nossos rivalizam com qualquer outra fabrica congénere.

Ha sempre em deposito, soalhos e forros aparelhados que vendemos a preços modicos.

Perfeição, economia e prontidão. Peçam tabelas.

Sociedade Produtora

— DE —

Chicoria Limitada

AVEIRO

Previnem-se os nossos clientes de que a partir do dia 1 de Novembro á temos em deposito chicoria estufada, aos melhor es preços do mercado e bem assim á aceitamos encomendas de semente de chicoria, procedente de Magdeburg.

Pedidos a

Costa, Gonçalves & Bola

AVEIRO

Retrozeiro Hespanhol

José Gonzalez

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Completo e variado sortido em artigos de retrozeiro.

Lãs em todas as cores, algodões, retrozes, botões, fitas de seda etc.

Rendas de todas as qualidades em bordados, mantilhas de seda, lã e algodão.

Meias para senhora em todas as qualidades.

Peugas para homem e creança. Pentes e sabonetes. Espartihos, bambinelas, cortinados, tanto nacionais como estrangeiros.

OURIVESARIA VILAR

Ruas José Estevam e Mendes Leite

AVEIRO

Compra e vende : ouro prata e reogios. Pratas artisticas. Reogios dos melhores autores. Objectos para brindes de todos os preços

OFICINA PROPRIA

Sapataria Migueis

RUA COIMBRA — AVEIRO

Armazem de sola, cabedais e calçado.

Fabrico Manual

Preços sem rival

Tinturaria Aveirense

(11)

Tingem-se em qualquer côr todos os artigos de lã, seda e algodão. Côres fixas. Lutos em 24 horas.

Todas as informações e encomendas devem ser dirigidas á Chapelaria Carvalho, na rua Coimbra, antiga rua da Costeira.—AVEIRO.

COLEGIO PORTUGUEZ

(12)

NESTE collegio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preconceitos da hygiene escolar e pedagogica, com esplendidas instalações electricas, professam-se os cursos : de instrução primaria, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e ciencias), com inglez ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte applicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e piano.

Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola Primaria Superior.



ALFAITARIA DOS ARCOS

José Pinheiro Palpista

— Rua dos Mercadores —

AVEIRO

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos concernentes á arte.

Garante-se a perfeição e o bom acabamento.

